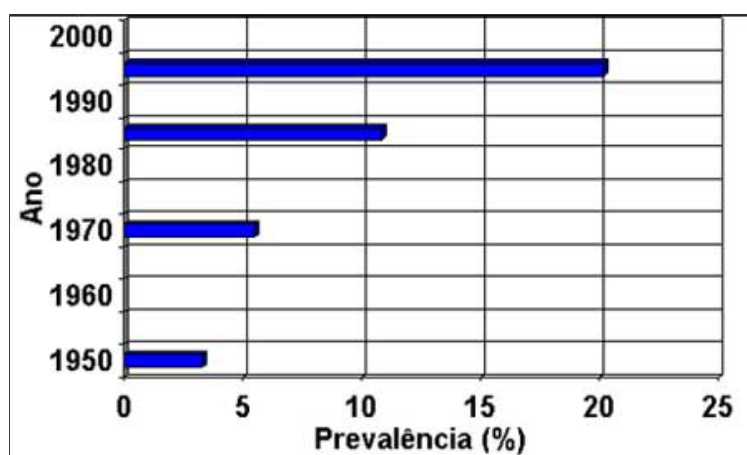


Asma Brônquica

Epidemiologia

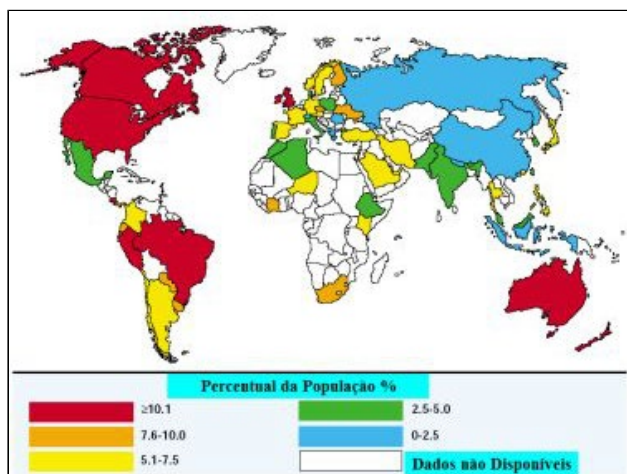
A asma é um problema mundial. Segundo o *The Global Asthma Report* 339 milhões de pessoas em todo o mundo sofrem da doença e espera-se que o total alcance 400 milhões até 2025,1,2 sendo que 70% também são alérgicas, sendo que 60% são crianças.

Na segunda metade do século XX, no ocidente, a asma foi a única doença crônica tratável que aumentou em prevalência (**Figura 1**) e em número de internações. Este aumento ocorreu em todas as classes sociais, embora nos últimos anos a prevalência da asma tenha alcançado um *plateau* ou mesmo sofrido redução em algumas áreas. A prevalência ainda se eleva em algumas populações e permanece alta em países em desenvolvimento. A prevalência no mundo varia de 0,7 a 18,4% da população geral (**Figura 2**), havendo variação deste índice de região para região e de país para país.2-4 O Brasil é o 8º país em prevalência de asma ~10%. A maior prevalência é observada nos países mais desenvolvidos, talvez em decorrência do estilo de vida, urbanização, poluição, maior industrialização e onde o percentual de subnutridos diminuiu e aumenta o de obesos que são mais propensos a apresentar asma. As taxas mais baixas de prevalência foram encontradas no Vietnã (1%), Bósnia-Herzegovina (1,4%) e China (1,4%).5



Segundo o informe da **GINA - Global Initiative for Asthma**,

"embora alguns países tenham sofrido um declínio nas hospitalizações e mortes por asma, a asma ainda impõe um ônus inaceitável para os sistemas de saúde e para a sociedade, devido à perda de produtividade no local de trabalho e, especialmente pela asma pediátrica, que destrutura as famílias".6



Em 2018 nos EUA, dados do NCHS (*National Center for Health Statistics E-Stats*) – *Division of Data Services do Centers for Disease Control and Prevention* (CDC) estimavam em 24,7 milhões o número de pacientes com asma (19,2 milhões de adultos e 5,5 milhões de crianças (< 18 anos) e a prevalência em 7,7%. A asma tem aumentado desde o início dos anos 80 em todas as faixas etárias e sexo, mas de forma dramática entre diferentes grupos étnicos.7

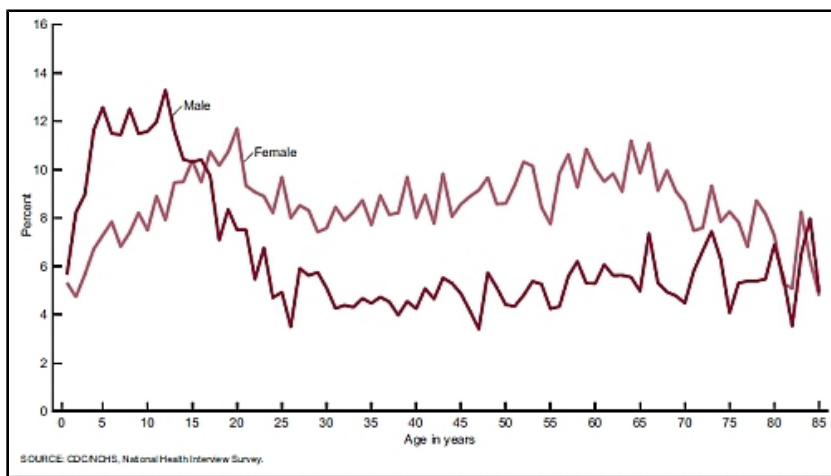
A genética apresenta um papel importante na expressão da asma. O risco de desenvolver asma na infância está relacionado à presença da doença nos pais. Se um dos pais sofre de asma, o risco de a criança desenvolver asma é de 25%. Se ambos os pais são asmáticos esta taxa pode alcançar 50% (**Figura 3**).8 Além disso, estudos com os gêmeos, encontraram taxas de concordância para asma que variam de 4,8 a 33% para gêmeos dizigóticos e de 12 a 89% para gêmeos monozigóticos.

Cerca de 50% dos casos iniciam-se antes da idade de dez anos.9 Nas crianças há predomínio do sexo masculino, variando entre 3:2 a 2:1. Esta supremacia está relacionada a possível maior produção de IgE e ao maior tônus das vias aéreas, que também são mais estreitas nos meninos. O índice passa a 1:1 entre os 10 e 12 anos, quando a relação diâmetro/comprimento passa a ser a mesma para ambos os



sexos e quando ocorrem mudanças no tamanho do tórax em meninos, o que não acontece com as meninas. Entretanto, na idade adulta passa a ocorrer predomínio do sexo feminino. Cerca de 25% dos casos se inicia após a idade dos 40 anos,

quando passa a predominar o sexo feminino. A **Figura 4** mostra as diferenças, em detalhes, por sexo nos EUA, ao longo da vida, entre o sexo masculino e feminino entre 1-85 anos.¹⁰



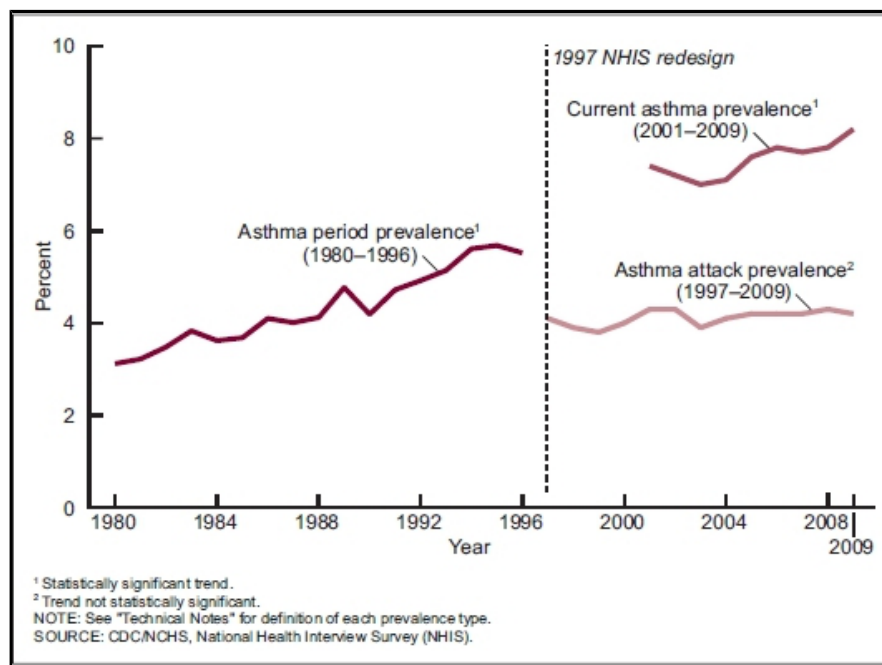
Vários estudos sobre prevalência demonstram preponderância na infância (aproximadamente 8 a 10% da população) com um declínio nos adultos jovens (5 a 6%), ocorrendo uma segunda elevação no grupo maior de 60 anos de idade, alcançando a faixa de 7 a 9% da população.^{3,11-13}

Em muitos pacientes, principalmente naqueles em que a doença iniciou-se antes dos 16 anos, pode ocorrer regressão espontânea, não mais havendo crises de broncoespasmo. Em um terço a asma persistirá na idade adulta. Alguns fatores para a persistência da doença são:

- **Sexo feminino**
- **Início da doença aos ≥ 2 anos de idade**
- **Pico de fluxo expiratório constantemente baixo durante a infância**
- **Pais com asma**
- **Contínua exposição a alérgenos**
- **História de eczema e rinite**

Nos EUA a prevalência da asma avançou desde o início da década de 1980 para todas as idades, sexos e grupos raciais. Análise de dados do CDC de 1980 a 1993, indica que a taxa anual por asma entre 0 e 24 anos aumentou 118% e a taxa de hospitalização 28%. Em 2002 a prevalência era maior nas crianças (0-17 anos) do que em adultos (≥ 18 anos), com preponderância em hispânicos. Na população geral, a prevalência era maior no sexo feminino (40% maior), enquanto que na infância ocorria supremacia do sexo masculino. O maior crescimento na prevalência da asma ocorreu de 1980 a 1996, quando cresceu de 3,5% a 5,5%.

Em 1997 a forma de avaliação da prevalência foi alterada não se podendo fazer um comparativo direto do antes e após as mudanças. Desde então (primeira avaliação 2001) as taxas se mantêm estáveis (7,4%), porém recentemente começaram a apresentar pequenos incrementos anuais de 2001 a 2009. O aumento na prevalência de 2001 a 2009¹⁰ foi de 1,2% (**Figura 5**). A maior elevação nas taxas de asma nos EUA na década passada, entre 2001 e 2009, ocorreu entre as crianças negras com incremento de quase 50%.¹⁴



Em 2018, nos EUA a prevalência da asma era de 7,7% — 24,753 milhões de pessoas (19,5 milhões de adultos e 5,2 milhões de crianças < 18 anos). A proporção da população com ao menos um episódio ao ano foi de 11,2 milhões (8,25 milhões de adultos e 2,96 milhões de crianças entre < 18 anos) ou 45,4% dos portadores da doença estão sujeitos, portanto, à visitas a emergência ou hospitalização.⁷

No Reino Unido, 5,4 milhões de pessoas (1 em 11) estão atualmente recebendo tratamento para asma: 1,1 milhão de crianças (1 em 11) e 4,3 milhões de adultos (1 em 12)¹⁵. O Reino Unido tem uma das maiores taxas de prevalência de sintomas de asma em crianças em todo o mundo.

Segundo o DATASUS do Ministério da Saúde do Brasil, o número de internações cai em números absolutos. Em 2009 ocorreram 160.000 internações por asma, constituindo-se na quarta causa de hospitalizações pelo Sistema Único de Saúde considerando-se todos os grupos etários.¹⁶ No ano de 2013 foram 120.000 internações.¹⁷ De acordo com dados do Sistema de Informações Hospitalares (SIH), em 2014 aconteceram 105 mil internações devidas à doença. A prevalência global de asma no Brasil oscila em 10% afetando 20 milhões de pessoas.⁶

Além dos fatores genéticos a asma sofre influências ambientais, que são múltiplas, e não são idênticas para todas as populações. A influência do ambiente fica evidente na "urbanização" das crianças africanas Xhosa do Transkei, na África do Sul. Quando estas migram do campo para a periferia da Cidade do Cabo, a prevalência aumenta de 0,15 para 3,2%.¹⁸

A taxa de asma aumenta quando as comunidades passam a adotar um estilo de vida ocidentalizado e se tornam urbanizadas. Com o aumento projetado da proporção da população mundial urbana ocorrerá aumento substancial do número de pacientes com asma no mundo nas próximas décadas. Estima-se que 64% da população latino-americana já residam em áreas urbanas, proporção semelhante à da Europa (73%) e América do Norte (75%).¹⁹ Acredita-se que haverá um incremento em mais de 100 milhões em 2025.²⁰

Vários estudos demonstram uma associação entre alta morbidade/mortalidade e áreas geográficas de baixo perfil socioeconômico.²¹ Áreas de pobreza tendem a apresentar grande densidade populacional com um número maior de habitantes por domicílio, e elevada concentração de habitações por prédio, havendo intensa exposição aos alérgenos da barata, de gatos e de fungos (mofo). A asma é mais frequente e severa na população pobre, em todos os grupos etários analisados, sendo a mortalidade mais elevada nesta camada da população. Em consequência, a admissão hospitalar também é maior para as pessoas de condição social inferior.²²⁻²⁴

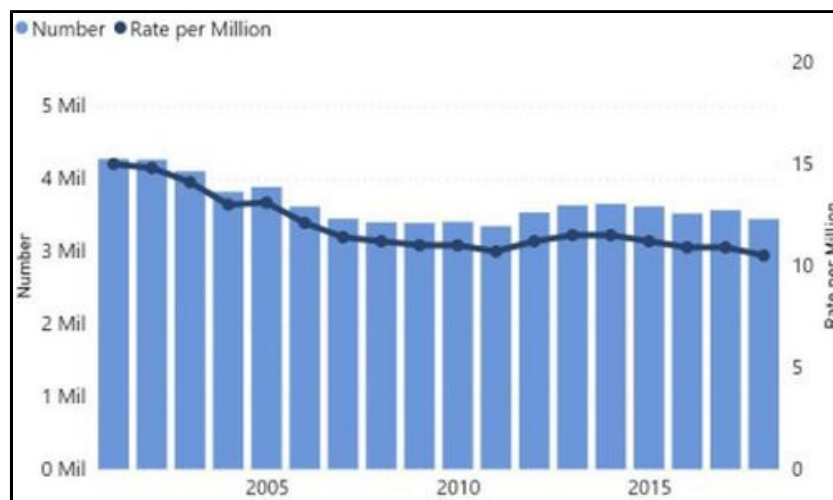
A asma ocorre em todas as raças e em todas as condições ambientais, não existindo grandes diferenças na prevalência entre as etnias. As exceções são o povo Maoris, tribo da Nova Zelândia descendente dos Polinésios, cuja prevalência e mortalidade estão acima da média, e os Aborígenes Australianos, com menor prevalência e mortalidade.²⁵ Existem, entretanto, certas diferenças étnicas localizadas como nos EUA onde a prevalência é 50% maior em crianças de raça negra *na periferia* das grandes cidades, quando comparada as brancas.⁶ A mortalidade nos EUA em 2003 em negros não-hispânicos foi 200% maior do que em brancos não-hispânicos.²⁶ Fato semelhante foi descrito com os negros sul-africanos quando comparados aos brancos da mesma região.²⁷ Em 2018 nos Estados Unidos, a prevalência por raça e etnia em adultos não era homogênea: brancos não-hispânicos - 8,0%, negros não-hispânicos - 10,7%, porto-riquenhos (como um subconjunto de hispânicos) - 14%, hispânicos - 6,5%, asiático não-hispânico - 4,5%.⁷

A prevalência da atopia em pacientes com asma varia de 23 a 80%, dependendo da idade da população e como a atopia é definida.²⁸ Levando-se em consideração a relação entre hiper-responsividade brônquica e IgE sérica, virtualmente todos os pacientes com asma têm um componente atópico.²⁹ No estudo de Tucson, crianças com testes cutâneos negativos apresentavam prevalência para sibilos/asma de 2%, enquanto que em crianças com testes positivos a prevalência atingiu 14%, demonstrando a importante participação da alergia na asma.³⁰

A asma é uma causa rara de mortalidade, representando 1,8% da mortalidade global total e é a determinante de aproximadamente 346.000 mortes

por ano em todo o mundo.^{31,32}

Informações do CDC dos EUA (**Figura 6**) de 2019 informam uma redução na taxa de mortes por asma de 15.0 por milhão em 2001 para 10.5 por milhão em 2018. Os adultos foram quase cinco vezes mais propensos do que as crianças a morrer de asma. A taxa de mortalidade por asma foi maior na faixa etária maior de 65 anos. As mulheres tiveram uma taxa mais elevada, sendo que os negros não-hispânicos apresentaram uma probabilidade duas a três vezes maior de morrer por asma em comparação a outros grupos raciais (brancos não-hispânicos e outros não-hispânicos) assim como hispânicos. Entre as crianças, meninos e não-hispânicos negros eram mais propensos a morrer de asma. O mesmo ocorria para os adultos.³³



No Brasil ocorrem anualmente, em média, 2.050 óbitos por asma e o coeficiente global de mortalidade no período 1980 a 1991 decresceu de 1,93 mortes por 100.000 habitantes para 1,16 por 100.000. A partir de 1992, a tendência tem sido de elevação, partindo de 1,36 e chegando a 1,58 por 100.000 em 1995. Em 1996, caiu para 1,36 por 100.000. Dados mais recentes do DATASUS, de 2013, contabilizam 2.047 mortes por asma no Brasil.¹⁷ A doença é a terceira causa de morte em crianças e adultos jovens no Brasil. No período de 1998 a 2007, a taxa média de mortalidade no país foi de 1,52/100.000 habitantes (0,85-1,72/100.000).³⁴

Em 2017 (dados mais recentes disponíveis) 1.484 pessoas no Reino Unido morreram de asma no Reino Unido.¹⁵ Na Nova Zelândia onde a patologia respiratória é a terceira causa mais comum de morte, em 2015 ocorreram 2.922 mortes decorrentes da doença com 64 por 100.000 habitantes.³⁵

O impacto socioeconômico da asma é muito importante, sendo a asma uma das doenças que mais consome recursos em países desenvolvidos. Em termos mundiais, os custos com a asma superam aos da tuberculose e HIV/AIDS somados.^{36,37}

A maioria dos estudos sobre os custos da asma provém de países desenvolvidos. Um artigo de Nurmagambetov et al., com base em amostra agrupada de 2008-2013, estimou em cifras superiores a US\$ 81 bilhões o custo total anual da asma nos Estados Unidos em despesas médicas, incluindo os gastos diretos da assistência e os desembolsos indiretos, tais como a falta ao trabalho e o absenteísmo escolar combinados.³⁸

O *National Health Service* (NHS) no Reino Unido gasta £ 1,1 bilhão por ano no tratamento de pacientes com asma.¹⁵ Do custo total do tratamento pelo menos £ 666 milhões são gastos em prescrição a cada ano. Outros gastos incluem £ 160 milhões em consultas, £ 143 milhões em licenças por perdas de dias de trabalho e £ 137 milhões em internações hospitalares.

No Brasil, no período de 2008-2013, segundo análise de Cardoso et al. ocorreram cerca de ~1 milhão de internações por asma brônquica a um custo de US\$ 170 milhões, com média de custo de US\$ 160,48.¹⁷

Deve ser ressaltado que o índice de internações por asma no Brasil vem diminuindo progressivamente e de maneira significativa (62%) nos últimos anos,³⁹ sendo que no período de 2008-2013 houve uma redução de 36% do número absoluto.¹⁷

Os custos diretos da asma (35-60%) incluem: programas educacionais e de saúde pública, gastos com pacientes ambulatoriais, hospitalizados, atendimentos em serviços de emergência e unidades mais especializadas (UTI), utilização de ambulâncias, honorários médicos, de enfermagem, fisioterapia e terapia ocupacional, gastos com medicamentos e testes alérgicos, despesas com equipamentos e exames laboratoriais, remuneração de tratamentos, de complicações a curto e longo prazos e investimentos em pesquisas.

Os custos indiretos (40-65%) incluem o absenteísmo escolar e profissional, a invalidez e a morte. Os custos mais difíceis de se avaliar são os relacionados à ansiedade, à má qualidade de vida, ao sofrimento e aos riscos futuros resultantes do absenteísmo escolar.

Outro fator indireto que merece consideração refere-se à não aderência do paciente ao tratamento, o que eleva ainda mais as despesas, determinando maior número de consultas médicas, visitas ao serviço de emergência e hospitalizações. De todos, o maior responsável pelos custos é o absenteísmo no trabalho.

Bahadori et al. publicaram uma revisão sistemática sobre os custos da asma, com a inclusão de 68 estudos.⁴⁰ Nela, concluíram que a hospitalização e os medicamentos foram considerados o principal fator de custos diretos, enquanto o absenteísmo no trabalho e na escola representou a maior porcentagem dos custos indiretos. Os custos da asma estavam fortemente correlacionados com certas comorbidades, idade, gravidade da doença e alguns outros fatores. Verificou-se também que variava significativamente de acordo com a instituição hospitalar, localização e grau de instrução.

A maioria dos pacientes com asma se enquadra nos tipos leve e moderado, sendo que uma pequena parcela apresenta asma severa que, dependendo da definição adotada, oscila em 5-10%. Este menor percentual, entretanto, é o responsável pelos maiores custos do tratamento da asma. Por exemplo, no Canadá estima-se que estes 10% sejam os responsáveis por 51% dos gastos médicos diretos do tratamento e 54% dos custos totais desembolsados com a doença.⁴¹

Uma boa orientação é capaz de reduzir os custos, pois se o tratamento for efetivo ocorrerá queda nos custos diretos de hospitalização e admissão em serviços de emergência. Este grupo de pacientes, de maior risco, deve ser informado da natureza crônica da doença, deve ser capaz de identificar os fatores que pioram a sua asma, ser instruído a tomar corretamente os medicamentos prescritos, manuseando corretamente os dispositivos para inalação de anti-inflamatórios e broncodilatadores, compreendendo o porquê da necessária aderência ao tratamento profilático anti-inflamatório, e como e quando utilizar a medicação sintomática de alívio. Portanto, os pacientes de maior risco devem evitar os agentes que desencadeiam suas crises e saber monitorizar a sua doença através dos sintomas, ou utilizando medidores de PFE, reconhecendo o agravamento do quadro, atuando precocemente através de um plano (escrito) de autotratamento, previamente elaborado, e buscando cuidados médicos na ocasião apropriada.

Informações Médicas Home

Design by Walter Serralheiro

[Anterior << Introdução](#)

[Próximo >> Inflamação Alérgica](#)

Referências

01. The Global Asthma Report. The Global Asthma Network. Disponível na internet: http://www.globalasthmareport.org/resources/global_asthma_report_2018.pdf Arquivo capturado em 10 de fevereiro de 2019.
02. Pawankar R. Allergic diseases and asthma: a global public health concern and a call to action. *World Allergy Organ J* . 2014;7(1):12. Published 2014 May 19. doi:10.1186/1939-4551-7-12
03. Health Quality & Safety Commission New Zealand. Asthma. Update 2018 data. Disponível na internet: <https://www.hqsc.govt.nz/our-programmes/health-quality-evaluation/projects/atlas-of-healthcare-variation/asthma/> . Arquivo capturado em 19 de março de 2019.
04. Weitzman M, Gortmcker SL, Sobol AM, et al. Recent trends in the prevalence and severity of childhood asthma. *JAMA* 1992;268:2673.
05. To T, Stanojevic S, Moores G, Gershon AS, Battersman ED, Cruz AA, Boulet LP. Global asthma prevalence in adults: Findings from the cross-sectional world health survey. *BMC Public Health* 2012;12:204.
06. Global Initiative for Asthma. Global Strategy for Asthma Management and Prevention updated 2020. Disponível em: https://ginasthma.org/wp-content/uploads/2020/04/GINA-2020-full-report_final_wms.pdf. Acesso em: 20 de abril de 2020.
07. Centers for Disease Control and Prevention. (2018). CDC - Asthma - Data and Surveillance - Asthma Surveillance Data. [online] Disponível na internet: <http://www.cdc.gov/asthma/asthmadata.htm> [Arquivo capturado em 12 agosto 2019].
08. Neddenriep D, Schuymacher MJ, Lemen RJ. Asthma in childhood. *Curr Probl Pediatr* 1989;19:325.
09. Broder I, et al. Epidemiology of asthma and allergic rhinitis in a total community Tecumseh, Michigan: III. Second survey of the community. *J Allergy Clin Immunol* 1974; 53:127.
10. U.S. Department of Health and Human Services - Centers for Disease Control and Prevention - National Center for Health Statistics E-Stats - Division of Data Services -. Disponível na Internet via www. Arquivo capturado em 10 de maio de 2012. URL: <http://www.cdc.gov/nchs/data/nhsr/nhsr032.pdf>
11. Burr ML, Charles TJ, Roy K et al. Asthma in the elderly: an epidemiological survey. *BMJ* 1979;1:1041.
12. Horsley JR, Sterling IJN, Waters WE, et al. Respiratory symptoms among the New Forest elderly: the results of a postal respiratory symptoms questionnaire. *Age Ageing* 1991;20:325.
13. Bardana EJ, Jr. Is asthma really different in the elderly patient? *J Asthma* 1993;30:77.
14. Centers for Disease Control and Orevention, Vital Signs, May 2011.
15. Asthma facts and statistics. - Disponível na Internet via www. Arquivo capturado em 15 de novembro de 2019. URL: <https://www.asthma.org.uk/about/media/facts-and-statistics/>
16. Ministério da Saúde do Brasil. (Datusus). Fonte: Departamento de Informática do SUS - DATASUS, órgão da Secretária Executiva do Ministério da Saúde. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sih/cnv/miuf.def> (Arquivo capturado em 12 de maio de 2012).
17. Cardoso TA, Roncada C, Silva ER, Pinto LA, Jones MH, Stein RT et al. Impacto da asma no Brasil: análise longitudinal de dados extraídos de um banco de dados governamental brasileiro. *J Bras Pneumol* 2017;43:163-168.
18. Awotedu AA. Urban-rural dichotomy in asthma. *SA Fam Pract* 2003;4S:50-51.
19. Damasceno E, Costa-Carvalho BT, Solé D, Wandalsen GF. Custos diretos e indiretos da asma: revisão de literatura. *Rev Bras Alerg Imunopatol* 2012;35:234-40
20. WHO Asthma. World Health Organization. Disponível em <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs307/en/>. Acesso e. 13 de abril 2016.
21. Duran-Tauleria E, Rona RJ. Geographical and socioeconomic variation in the prevalence of asthma symptoms in English and Scottish children. *Thorax* 1999;54:476.
22. Carr W, Zeitel L, Weiss K. Variations in asthma hospitalizations and deaths in New York City. *Am J Public Health* 1992;82:59.
23. Ayres JG. Acute asthma in Asian patients: hospital admissions and duration of stay in a district with a high immigrant population. *Br J Dis Chest* 1986;80:242.
24. Pattemore PK, Asher MI, Harrison AC, et al. Ethnic differences in prevalence of asthma symptoms and bronchial hyperresponsiveness in New Zealand schoolchildren. *Thorax* 1986;44:168.
25. Woolcock AJ. Worldwide differences in asthma prevalence and mortality. *Chest* 1986;90(Suppl):40-5s.
26. U.S. Department of Health and Human Services - Centers for Disease Control and Prevention - National Center for Health Statistics E-Stats - Division of Data Services - Disponível na Internet via WWW. Arquivo capturado em 29 de maio de 2008. URL:
27. Ehrlich RI, Bourne DE. Asthma deaths among coloured and white South Africans: 1962-1988. *Respir Med* 1994;88:195-202.
28. Weiss EB, Stein M. Bronchial Asthma. Little Brown and Company, 3rd ed., Boston, 1993.
29. McFadden ER Jr, Gilbert IA. Asthma. *N Engl J Med* 1992;327:1928.
30. National Asthma Education and Preventive Program (NAEPP). Data Fact Sheet on Asthma Statistics. National Institutes of Health pub 55-798. Bethesda, MD, 1999.
31. Vos T, Flaxman AD, Naghavi M, et al. Years lived with disability (YLDs) for 1160 sequelae of 289 diseases and injuries 1990-2010: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study

2010. *Lancet* 2012;380:2163-2196.

32. Lozano R, Naghavi M, Foreman K, et al. Global and regional mortality from 235 causes of death for 20 age groups in 1990 and 2010: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2010. *Lancet* 2012;380:2095-2128.

33.06.U.S. Department of Health and Human Services - Centers for Disease Control and Prevention - National Center for Health Statistics E-Stats - Division of Data Services -. Disponível na Internet via www. Arquivo capturado em 18 de março de 2019. URL: https://www.cdc.gov/asthma/asthma_stats/asthma_underlying_death.html

34.SBPT.Sbpt.Diretrizes da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia para o Manejo da Asma - 2012. *J Bras Pneumol.* 2012;38(S):S1-46.

35.Asthma Respiratory Foundation NZ. Key Statistics. Disponível na internet: <https://www.asthmafoundation.org.nz/our-work/research/key-statistics> Arquivo capturado em 15 de setembro 2018.

36.Masoli M, Fabian D, Holt S, Beasley R. The global burden of asthma: executive summary of GINA dissemination committee report. *Allergy* 2004;59:469-478.

37.Braman SS. The global burden of asthma. *Chest* 2006; -130:4S-12S.

38. Nurmagambetov, Tursynbek, et al. "The Economic Burden of Asthma in the United States, 2008-2013." *Annals of the American Thoracic Society* 2018;15:348-56. DOI: [10.1513 / AnnalsATS.201703-259OC](https://doi.org/10.1513/AnnalsATS.201703-259OC)

39.Ministério da Saúde do Brasil. Departamento de Informática do SUS [homepage on the Internet]. Brasília: DATASUS [cited 2012 jan 25]. Morbidade hospitalar do SUS - por local de internação - Brasil. Disponível em <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sih/cnv/miuf.def>

40.Bahadori K, Doyle-Waters MM, Marra C, Lynd L, Alasaly K, Swiston J, Fitzgerald M. Economic burden of asthma: a systematic review. *BMC Public Health* 2009;9:24.

41. Moore BD, Weiss KB, Sullivan SD. Epidemiology and socioeconomic impact of severe asthma: In: SJ Szeffler, and DYM Leung Editors. Severe asthma: pathogenesis and management. Marcel Dekker, New York, 1996, 1-34.

Última Atualização: - 05/11/2020

Informações Médicas Home

Design by Walter Serralheiro

[Anterior << Introdução](#)

[Próximo >> Inflamação Alérgica](#)